

ARTE NA MODA: MASP RENNER

textos da exposição
em fonte ampliada
PORTUGUÊS

Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



MASP

MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

ARTE NA MODA: MASP RENNER

A Coleção MASP Renner reúne roupas únicas criadas em colaboração por artistas e estilistas contemporâneos brasileiros especialmente para o acervo do MASP. O projeto de criação das peças durou três temporadas, entre 2017 e 2022, e envolveu três curadoras adjuntas de moda no Museu — Patricia Carta, Lilian Pacce e Hanayrá Negreiros — e 26 duplas de artistas e designers de moda, resultando em 78 trabalhos, aqui apresentados pela primeira vez.

Trata-se de um acervo muito especial que está conectado com outro no Museu, a Coleção MASP Rhodia, que reúne roupas produzidas em colaboração por artistas e costureiros brasileiros nos anos 1960. Naquela década, a indústria química francesa Rhodia realizava desfiles-espetáculos no país para promover seus tecidos

sintéticos e encomendava as peças a seus criadores, refletindo as tendências correntes da arte e da moda. A Coleção MASP Rhodia inclui 79 looks, doados ao museu em 1972, e foi exposta no Museu em 2015.

Foi a partir desse acervo único que o MASP pensou em expandir sua coleção, convidando artistas e estilistas que atuam no cenário atual para colaborarem de forma inédita. O conjunto resultante abrange uma variedade de temas e modelagens, que vão desde questões de gênero, sexualidade, religiosidade e sustentabilidade até os impactos da pandemia da Covid-19 no vestuário (como o uso de máscaras faciais), assim como a ideia da roupa como um veículo de manifestação política, em formas e silhuetas que variam das minimalistas às maximalistas, de peças multicoloridas a outras mais sóbrias e conceituais. Embora seja marcada pela diversidade de

assuntos e soluções formais, podemos identificar pelo menos quatro modos de operar dessas duplas na construção das roupas: as que transpõem imagens do ou da artista para modelagens características do ou da estilista; aquelas que testam os limites entre roupa e escultura; outras que discutem a roupa como um código de gênero ou religiosidade; e, por fim, as que questionam as definições e os limites conceituais do que é uma roupa. Acima de tudo, o conjunto nos fala sobre as possibilidades de colaboração e diálogo entre arte, moda e design, colocando o Museu como um agente fundamental para estimular, colecionar, pensar e expor novos trabalhos, conectando áreas de criação tão próximas.

Arte na moda: MASP Renner é curada por Adriano Pedrosa, diretor artístico, MASP, e Leandro Muniz, curador assistente, MASP, a partir da

Coleção MASP Renner, que teve três curadoras adjuntas de moda no Museu ao longo de suas três temporadas: Patricia Carta, Lilian Pacce e Hanayrá Negreiros. O título da coleção faz referência ao patrocinador do projeto, a Renner, empresa brasileira de roupas e acessórios fundada em 1922, que ao longo dos anos nos possibilitou realizar este ambicioso projeto.

SOBRE O PROJETO MASP RENNER

O projeto foi desenvolvido com a participação de 26 duplas de artistas e estilistas durante três temporadas.

Convidados da primeira temporada

Alexandre da Cunha e Reinaldo Lourenço;

avaf e Amapô;

Beatriz Milhazes e Andrea Marques;

Caetano de Almeida e Alexandre Herchcovitch;

Daniel Senise e Gilda Midani;
bã Huni Kuin e Ronaldo Fraga;
Iran do Espírito Santo e Marta do Espírito Santo;
Leda Catunda e Marcelo Sommer e Sandra Cinto
e Lucas Magalhães.

Convidados da segunda temporada

Ayrson Heráclito e André Namitala;

Detanico Lain e Walter Rodrigues;

Erika Verzutti e Isabela Frugiuele;

Jaime Lauriano e João Pimenta;

Laura Lima e Guto Carvalhoneto;

Laura Vinci e Gloria Coelho;

Sonia Gomes e Gustavo Silvestre;

Vivian Caccuri e Francisco Costa.

Convidados da terceira temporada:

Aline Bispo e Flavia Aranha;

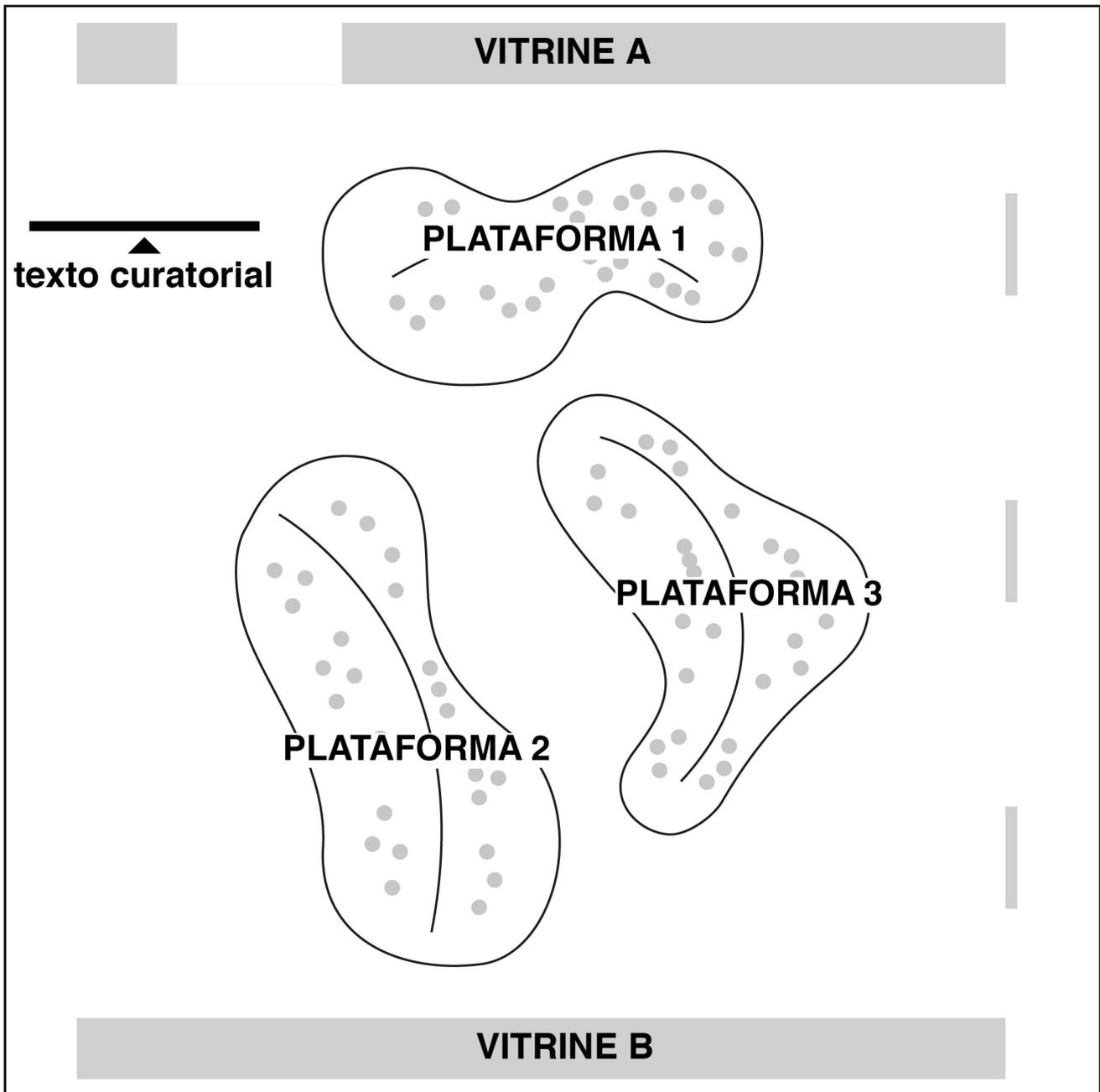
Criola e Luiz Cláudio Silva;

**ARTE NA MODA:
MASP RENNER**

MASP MUSEU DE ARTE
DE SÃO PAULO
ASSIS CHATEAUBRIAND

Edgard de Souza e Jum Nakao;
Larissa de Souza e Diego Gama;
Lidia Lisbôa e Fernanda Yamamoto;
No Martins e Angela Brito;
Panmela Castro e Walério Araújo;
Randolpho Lamonier e Vicenta Perrotta;
Valdirlei Dias Nunes e Vitorino Campos.

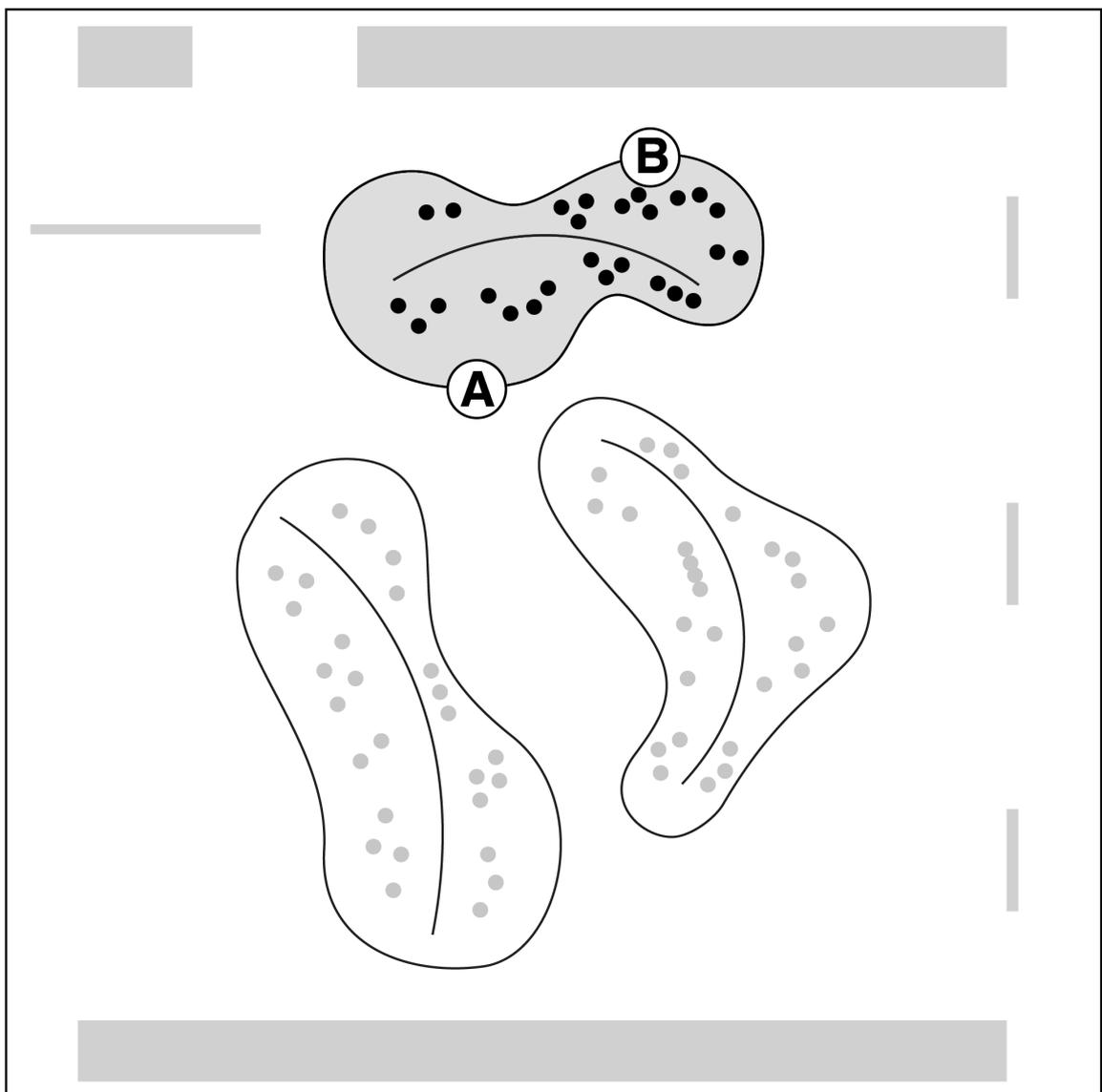
Mapa do espaço expositivo



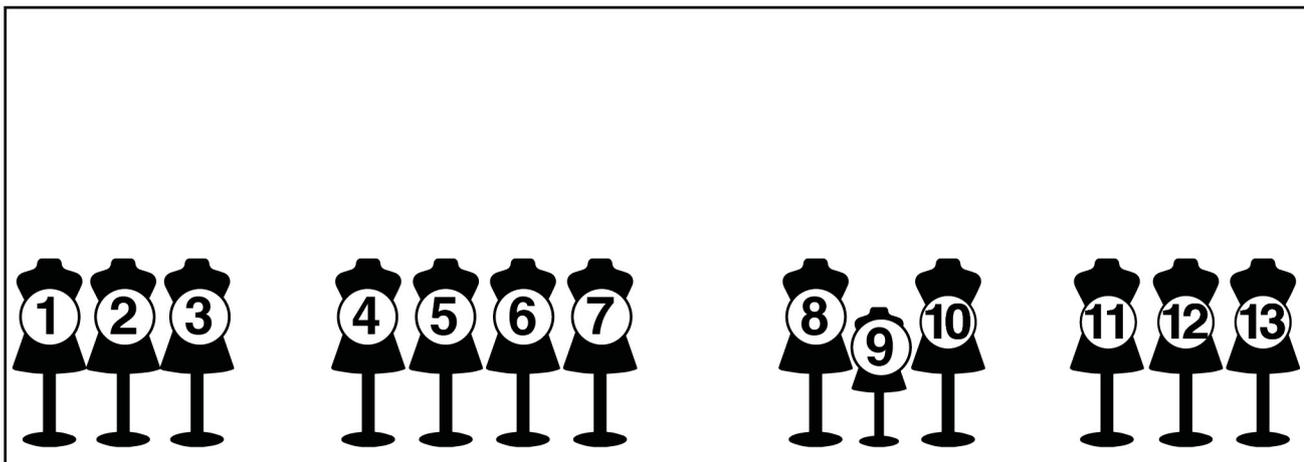
Plataforma 1

1ª TEMPORADA (2017-2019)

Curada por **Patricia Carta**, curadora adjunta de moda, 2015-2018, **Adriano Pedrosa**, diretor artístico, com assistência de Olivia Ardui, assistente curatorial, 2017-2019



Plataforma 1, Seção A



IBÃ HUNI KUIN

Aldeia Chico Curumim, Jordão, Acre, Brasil, 1964
(vive em Tarauacá, Acre, Brasil)

RONALDO FRAGA

Belo Horizonte, Brasil, 1967 (vive em Belo Horizonte)

1-3. *Sem título*, 2019

Tecido em sarja mista e renda *richelieu*,
MASP.11063, MASP.11064, MASP.11062

O artista Ibã Huni Kuin usa o desenho para traduzir visualmente os cantos de seu povo, considerados uma forma de cura e transmissão de conhecimento. Ibã trabalhou em parceria com Ronaldo Fraga, estilista que baseia sua produção em pesquisas etnográficas, na literatura e nas artes visuais, traduzindo essas experiências em roupas. Os três vestidos elaborados pela dupla apresentam elementos de desenhos do artista; alguns foram produzidos em parceria com outros integrantes do Movimento dos Artistas Huni Kuin (Mahku), e todos integram o acervo do MASP. Entre esses motivos estão as folhas, os losangos que simbolizam as “mirações” — visões espirituais que a comunidade alcança por meio do uso da *ayahuasca* em cerimônias rituais — e a jibóia. Essas imagens foram bordadas em *richelieu*, uma técnica que une áreas de tecido recortado com padrões lineares, por

membros de uma comunidade atingida pelo rompimento da barragem em Mariana, Minas Gerais, que se reinventou a partir dessa prática. Assim, ao reunirem imagens produzidas por um integrante de um grupo originário ao trabalho de uma comunidade vulnerabilizada, essas roupas preservam suas memórias.

IRAN DO ESPÍRITO SANTO

Mococa, São Paulo, Brasil, 1963 (vive em São Paulo)

MARTA DO ESPÍRITO SANTO

Mococa, São Paulo, Brasil, 1959 (vive em Mococa)

4. *Trabalho livre*, 2018

Impressão serigráfica sobre tela de tecido artificial, MASP.11056

5. *Radiografia 1 (Branco)*, 2018

Impressão serigráfica sobre organza artificial e botões de acrílico, MASP.11057

6. *Radiografia 2 (Preto)*, 2018

Impressão serigráfica sobre organza artificial e botões de acrílico, MASP.11058

7. *Trincheira*, 2018

Impressão serigráfica sobre organza sintética e botões de acrílico, MASP.11059

No vestido *Trabalho livre*, produzido em parceria entre o artista Iran do Espírito Santo e a modista Marta do Espírito Santo, um tubo de tecido vermelho com aberturas para a cabeça e para os braços configura uma peça de manga única, com drapeados que surgem de acordo com os movimentos do corpo. O vestido provoca uma reflexão sobre as formas de labor implícitas na confecção de uma roupa. Na manga, aplicada em serigrafia, a imagem de uma corrente dourada aberta contrasta com a leveza e com a suntuosidade do tecido. Essa contraposição também aparece nas outras roupas. Em *Trincheira*, a imagem de um alambrado está estampada sobre um casaco translúcido, relacionando roupa e arquitetura por meio de estruturas, construções e divisões espaciais. Em *Radiografia 1 (Branco)* e *Radiografia 2 (Preta)*, as peças de alfaiataria são feitas de organza, e

sobre a camisa foi aplicada a estampa de um *grid* formado por representações de pregos. A transparência desses tecidos permite ver através da vestimenta, de modo a expor suas estruturas, costuras e acabamentos, o que reitera a “radiografia” do título.

LEDA CATUNDA

São Paulo, Brasil, 1961 (vive em São Paulo)

MARCELO SOMMER

São Paulo, Brasil, 1967 (vive em São Paulo)

8. *Roupa de noiva*, 2017

Impressão digital e tinta acrílica sobre *voile* e entretela sintética, renda sintética e zíper de plástico, MASP.10746

9. *Roupa de daminha*, 2017

Impressão digital e tinta acrílica sobre *voile*, tule sintético e zíper de plástico, MASP.10748

10. *Roupa de noivo*, 2017

Tinta acrílica sobre gaze de *voile* e sarja sintética, renda sintética, botões de plástico, zíper de plástico e presilhas de metal, MASP.10747

Roupa de noiva, *Roupa de noivo* e *Roupa de daminha* integram uma narrativa desenvolvida pela artista Leda Catunda e pelo estilista Marcelo Sommer, que discutem com ironia e bom humor os papéis de gênero. O vestido de noiva tem gola alta em renda, cintura império, saia cortada em godê — uma modelagem composta por círculos

que criam um caimento com movimento — e mangas bufantes. Na saia de *voile*, há várias camadas de tecido com desenhos de *Sexo e romance* (2017), produzido a partir de pesquisas na internet que mapearam manifestações amorosas de diversas orientações sexuais e gêneros. O fraque, que tem uma estampa digital feita a partir da obra *Motos* (2012), contrasta as tradicionais cores sóbrias desta vestimenta com o aspecto multicolorido da pintura-colagem, além de contrapor uma imagem de hipermasculinidade (a corrida de motos) e o aspecto *kitsch* da peça. Por fim, a roupa da daminha tem uma estampa de brasões de times de futebol aplicada em um vestido com cintura marcada, mangas bufantes e babados nas barras, uma outra ironia acerca das performances de gênero “tipicamente” femininas ou masculinas.

CAETANO DE ALMEIDA

Campinas, São Paulo, Brasil, 1964 (vive em São Paulo)

ALEXANDRE HERCHCOVITCH

São Paulo, Brasil, 1971 (vive em São Paulo)

11. *Sem título*, 2019

Tecido sintético em padrão *jacquard*,
botão em madrepérola e zíper de plástico,
MASP.11069

12. *Sem título*, 2019

Tecido multisarja em padrão *jacquard* e
botões de pressão em plástico, MASP.11068

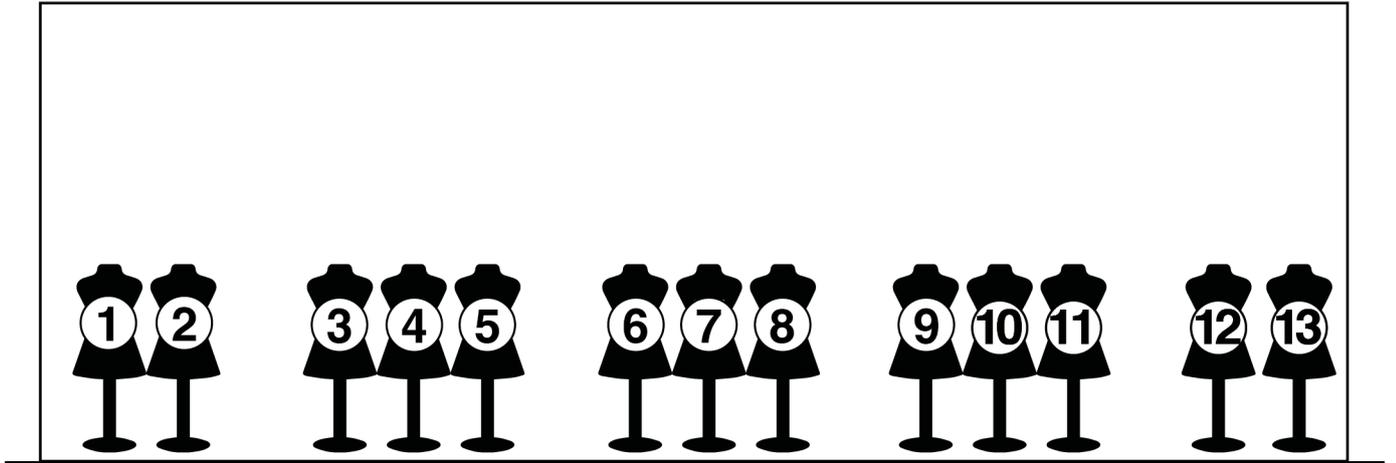
13. *Sem título*, 2019

Tecido sintético em padrão *jacquard*,
botão em madrepérola e zíper de plástico,
MASP.11070

Um dos pontos de contato entre o artista Caetano de Almeida e o estilista Alexandre Herchcovitch é o interesse compartilhado por padronagens. Eles produziram três peças sem título: um *trench coat* amplo, uma saia lápis e um vestido boneca com franzidos nas barras das mangas curtas. As três peças exibem a mesma padronagem em diferentes cores: azul, amarelo e preto, respectivamente. Para obter esses padrões, Almeida desenhou manualmente as tramas usadas em cadeiras de palha originárias da Índia que foram levadas para a Europa durante a expansão

colonial portuguesa, entre os séculos 16 e 17. Os desenhos foram então digitalizados e impressos em tecidos compostos por fibras sintéticas que permitem a criação de modelagens bem estruturadas. Herchcovitch costurou as peças em formatos simples, dando a ver o padrão em grandes superfícies, com poucas interrupções de cortes ou costuras.

Plataforma 1, Seção B



AVAF

Fundado em Nova York, Estados Unidos, 2001
(vivem em São Paulo, Brasil)

AMAPÔ

São Paulo, Brasil, 2004 (vivem em São Paulo)

1. *Alibã vuduzento acuenda forte*, 2018

Impressão digital sobre malha com elastano, malha emborrachada, zíper de

metal, colchetes de pressão de plástico e barbatana de resina, MASP.10745

2. *Amapô vagaba avoa furiosa*, 2018

Impressão digital sobre malha com elastano, colchetes de pressão de metal, barbatana de resina, zíper e presilhas de metal, velcro e cartão, MASP.10744

Um dos interesses centrais do coletivo assume vivid astro focus (avaf), é a produção de imagens multicoloridas em diferentes suportes. As roupas *Amapô vagaba avoa furiosa* e *Alibã vuduzento acuenda forte* foram produzidas em parceria com as estilistas Carô Gold e Pitty Taliani, da Amapô, com quem o coletivo já colaborou em outros projetos. Se atualmente a Amapô é uma marca especializada em jeans ajustados, no início dos

anos 2000 suas coleções eram marcadas por estampas vibrantes. As roupas foram produzidas a partir de duas pinturas do avaf, transpondo imagens planas para o espaço tridimensional. As peças preservam as cores e a mistura de padronagens e formas das obras, mas são produzidas em malha opaca e metalizada, o que possibilita modelagens elásticas e aderentes ao corpo, e em neoprene, que viabiliza as formas tridimensionais e estruturadas. A pintura de referência *Cyclops Bride* foi baseada na obra *La Mariée mise à nu par ses célibataires, même* [A noiva despida pelos seus celibatários, mesmo] (1915-1923), do artista francês Marcel Duchamp (1887- 1968). É, assim, parte de um processo contínuo de citações e traduções.

DANIEL SENISE

Rio de Janeiro, Brasil, 1955 (vive em Rio de Janeiro)

GILDA MIDANI

Rio de Janeiro, Brasil, 1960 (vive entre Petrópolis,

Rio de Janeiro; Paris, França; e Porto, Portugal)

3. *Sem título*, 2018

Gaze sintética, lantejoulas feitas a partir de pintura do artista em tecido natural, resina, cadarço sintético, MASP.11066

4. *Sem título*, 2018

Tingimento à base de corrosão por oxidação sobre tela de linho, cetim sintético *bouclée*, gaze de organza sintética, tule sintético, colchetes de gancho encapado de fios sintéticos, plástico, metal, MASP.11065

5. *Sem título*, 2018

Tingimento à base de corrosão por oxidação sobre organza sintética, malha de algodão com elastano e colar de metal, MASP.11067

O artista Daniel Senise e a estilista Gilda Midani trabalharam na criação de três roupas sem título. Na primeira, a área do busto é construída com paetês produzidos a partir de pinturas de Senise, que foram recortadas e plastificadas; abaixo dessa peça, foram aplicadas camadas de organza tingidas por oxidação, em uma espécie de pintura que evoca as telas do artista. A segunda é um vestido sem alças com uma crinolina, evocando um vestido de baile, que, para a dupla, é uma forma de celebrar a roupa no museu. A terceira é uma camiseta de malha branca com um recorte em organza tingida na

parte central. Para a dupla, a estrutura vazada, que permite a visualização do corpo sob a roupa, está relacionada com a ideia de exposição, como um quadro, remetendo assim ao espaço do museu para o qual foi criada. Um colar de metal com a expressão “toque-me” escrita em braile — portanto, algo a ser lido com o tato — completa o *look* em múltiplas associações entre as experiências de ver e tocar, intrínsecas à apreciação de uma roupa.

ALEXANDRE DA CUNHA

Rio de Janeiro, Brasil, 1969 (vive entre São Paulo, Brasil e Londres, Reino Unido)

REINALDO LOURENÇO

Presidente Prudente, São Paulo, Brasil, 1960
(vive em São Paulo, Brasil)

6. *Capa listrada*, 2017

Tecido em tela composta com fios sintéticos, ilhoses de metal e botões revestidos de courvin, MASP.10754

7. *Top com franja e saia lapela*, 2017

Tecido sarjado tipo lona e material sintético, MASP.10742

8. *Vestido longo*, 2017

Tecido em cadarço composto com fios sintéticos, tule de poliamida, barbantes em algodão cru e zíper de metal, MASP.10743

Alexandre da Cunha utiliza materiais do cotidiano de São Paulo e Londres na construção de esculturas e instalações. A lona de toldos e o barbante de esfregões foram os materiais usados na confecção das três roupas produzidas em parceria com o estilista Reinaldo Lourenço, que atua desde a década de 1980. O *trench coat* — casaco fechado por botões que surgiu nas trincheiras e se consolidou no período entreguerras — tem largas listras brancas e vermelhas na vertical, um cinto que marca uma cintura alta e comprimento até abaixo dos joelhos, o que alonga a silhueta. O vestido

de franjas e a camiseta remetem a silhuetas clássicas dos anos 1920 e 1930, com formas simplificadas, mas marcadas por texturas. A modelagem ajustada dessas peças é uma característica marcante das coleções de Lourenço. Ao deslocarem o uso de materiais utilitários do vestuário, como o ilhós, para um elemento decorativo, e ao usarem materiais cotidianos para a produção de roupas de formatos clássicos, da Cunha e Lourenço submetem esses materiais a outros fins, ressignificando seus usos habituais.

SANDRA CINTO

Santo André, São Paulo, Brasil, 1968 (vive em São Paulo, Brasil)

LUCAS MAGALHÃES

Itabira, Minas Gerais, Brasil, 1982 (vive em Belo Horizonte, Brasil)

8. *Saia tinturada azul + blusa tinturada azul*, 2018

Malharia em *jacquard* sintético, zíper de acrílico, MASP.11055

9. *Vestido preto*, 2018

Malharia em *jacquard* sintético, MASP.11053

10. Saia branca e blusa preta, 2018

Malharia em *jacquard* sintético, MASP.11054

As roupas criadas por Sandra Cinto e Lucas Magalhães são uma tradução de um conjunto de desenhos realizados pela artista para um tricô em *jacquard*, uma técnica mecânica que produz imagens na própria trama do tecido, conforme a mudança de cores e a direção dos fios. Os desenhos de Cinto representam mares revoltos, relevos geográficos e os movimentos das marés em finas linhas brancas sobre papel preto. A malharia foi recortada na última linha do tecido, produzindo formas orgânicas que foram aplicadas diretamente ao manequim durante a modelagem — uma técnica chamada de *moulage*, que dispensa o uso de moldes prévios para a confecção da roupa. *Vestido preto e Saia*

branca e blusa preta misturam dois desenhos diferentes, na frente e atrás, na blusa e na saia, respectivamente. Sobre *Saia tinturada azul + blusa tinturada azul* foi aplicada tinta diluída, de modo a criar manchas que se abrem devido às diferentes características dos fios usados em sua construção. O caimento orgânico das peças e sua assimetria reiteram a sensação de algo líquido, assim como as imagens representadas no desenho.

BEATRIZ MILHAZES

Rio de Janeiro, Brasil, 1960 (vive em Rio de Janeiro)

ANDREA MARQUES

Rio de Janeiro, Brasil, 1969 (vive em Rio de Janeiro)

11. *Giro*, 2019

Impressão digital sobre poliviscose, plástico adesivo e zíper de metal, MASP.11061

12. *Rodopio*, 2018

Impressão digital sobre poliviscose, plástico adesivo e zíper de metal, MASP.11060

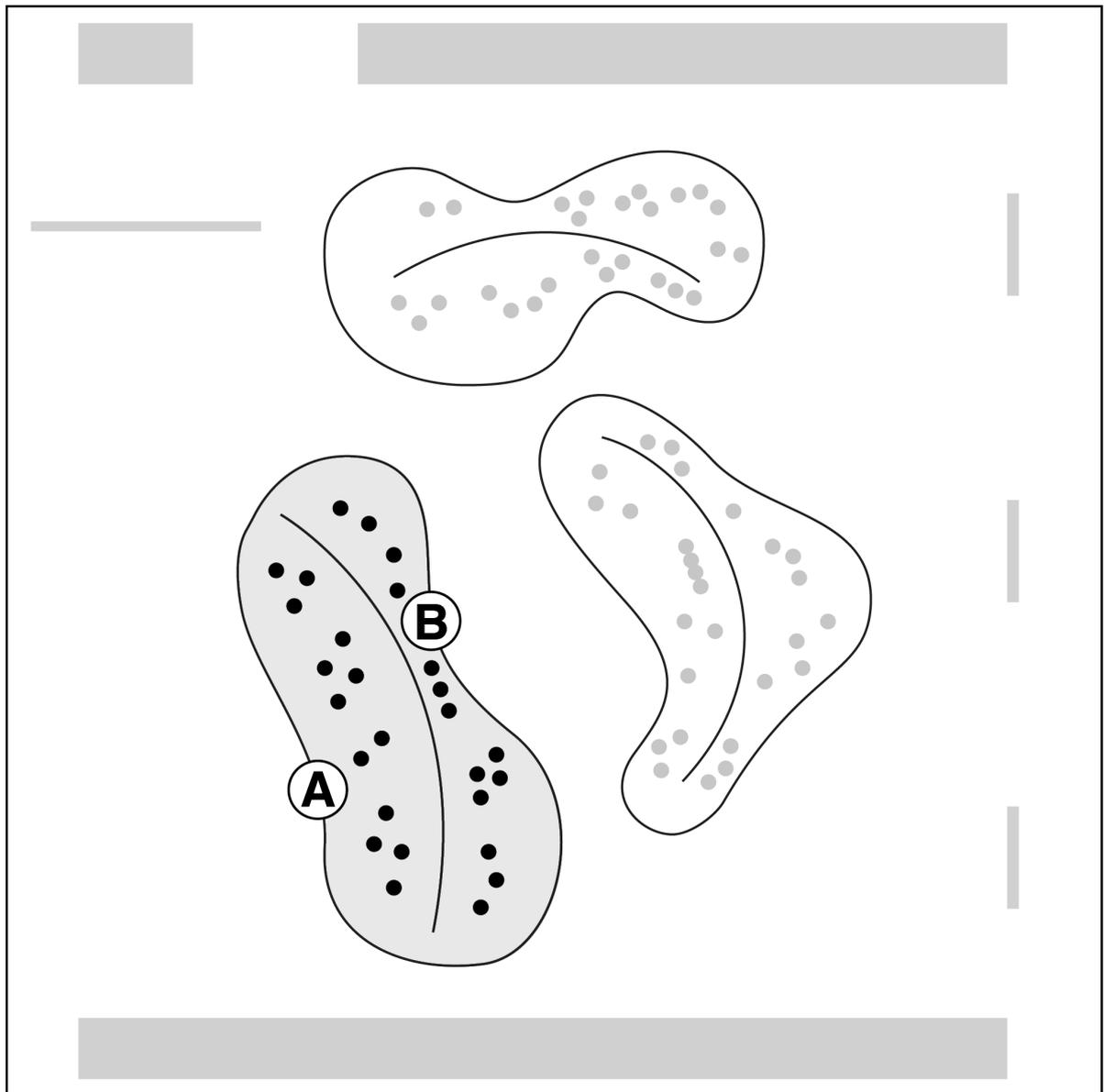
Giro é um macacão longo sem mangas, com franjas que vão da altura do busto até a barra da calça, enquanto *Rodopio* é um vestido midi (até a altura dos joelhos) de mangas longas, cujas franjas começam abaixo dos joelhos e vão até o chão. As peças têm modelagens retas e ajustadas, características das coleções da estilista Andrea Marques, que produziu as roupas em parceria com a artista Beatriz

Milhazes. A economia das formas enfatiza as combinações cromáticas e os jogos entre elementos curvos e retilíneos da estampa, retirada de um fragmento da serigrafia *Manga e maracujá em lilás e violeta* (2016), de Milhazes. As franjas remetem às esculturas-móviles que a artista tem desenvolvido desde os anos 2010; inclusive, há aplicações nos *looks* que também são encontradas em sua obra tridimensional, como as flores e os círculos recortados em papel holográfico ou plástico. Os títulos sugerem movimento e circularidade, assim como as pinturas, as gravuras e as esculturas da artista, que articulam referências à dança, à música e às festas populares, como o carnaval.

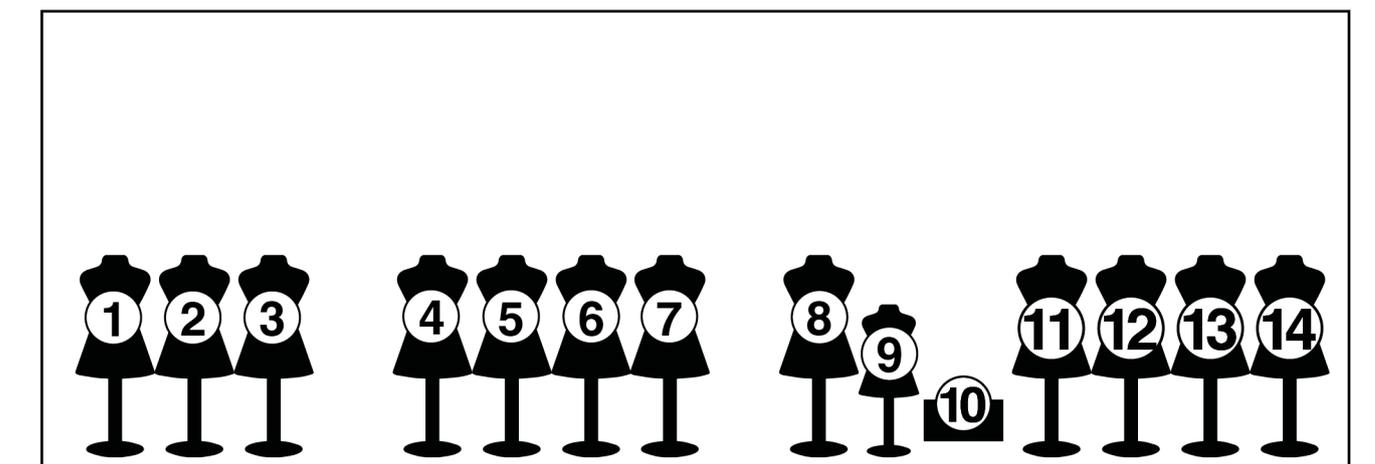
Plataforma 2

2ª TEMPORADA (2019-2020)

Curada por **Lilian Pacce**, curadora adjunta de moda, 2019-2020, **Adriano Pedrosa**, diretor artístico, com assistência de Guilherme Giufrida, assistente curatorial, 2018-2021



Plataforma 2, Seção A



JAIME LAURIANO

São Paulo, Brasil, 1985 (vive em São Paulo)

JOÃO PIMENTA

Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil, 1967 (vive em São Paulo, Brasil)

1. *Peça 2*, 2020

Tule sintético, malharia com lantejoulas, lã sintética, tela de algodão, tecido maquinado, metalizados, vidrilhos, conchas, búzios, guizos,

guias, terços, cruzes, figas, chaves, pingentes,
cristais, dentes de animais, medalhas,
palhas, fivelas, miçangas, lantejoulas e strass
MASP.11188

2. Peça 1, 2020

Tecido adamascado, cetim, tela sobre sarja de algodão, tule sintético, lantejoulas aplicadas sobre gaze de algodão, *bouclée*, *jacquard*, pelúcia, bordado inglês e fotografias coloridas sobre papel MASP.11187

3. Peça 3, 2020

Tecido natural, tecido sintético, tecido misto, metal, papel e plástico MASP.11189

O artista Jaime Lauriano e o estilista João Pimenta produziram três casacos que abordam os usos simbólicos da bandeira nacional durante a última década. Cobertos por bandeiras do Brasil confeccionadas com uma técnica de *patchwork*, que reúne retalhos de tecidos para formar imagens, o primeiro casaco é preto, enquanto o segundo respeita os tradicionais verde, amarelo e azul da bandeira original; o terceiro é multicolorido. As costuras, emendas e aplicações dos três *looks* são aparentes, como em uma prova de roupa, o que indica a noção de processualidade que orienta a dupla e sua compreensão do Brasil. O forro do casaco preto foi coberto com retratos 3x4 para discutir questões como identidade e diversidade racial. O *look* foi produzido durante a pandemia de Covid-19 e, segundo a dupla, as fotos aludem às vítimas da doença, enquanto o revestimento em diversos tons de preto representa o luto. No casaco

multicolorido há símbolos de várias religiões, o que sugere o desejo por um país que exalta a igualdade sem anular as diferenças.

VIVIAN CACCURI

São Paulo, Brasil, 1986 (vive em Rio de Janeiro, Brasil)

FRANCISCO COSTA

Guarani, Minas Gerais, Brasil, 1964 (vive em Nova York, Estados Unidos)

4-7. *Sem título*, da série *She Won't Listen*

Gaze de organza sintética e bordado manual com aplicação de miçangas, MASP.11208, MASP. 11209, MASP.11210, MASP.11211

A artista Vivian Caccuri e o estilista Francisco Costa produziram quatro vestidos sem título, da

série She Won't Listen [Ela não escuta]. As peças são feitas em um tecido translúcido, descem até abaixo dos joelhos e têm modelagem reta. Têm faixas presas nas laterais que podem ser usadas como cintos — uma característica recorrente nas coleções de Costa, assim como as transparências — ou para unir um vestido ao outro. Na frente e no verso das peças, bordados representam ondas sonoras e orelhas. Linhas de miçangas saem dessas figuras e podem ser conectadas aos bordados das outras roupas, ou a outros pontos do vestido em que estão costuradas, de modo a criar diferentes relações com o conjunto. As possibilidades de conexão entre as peças evocam discussões sobre coletividade, um tema da prática de Cacuri, assim como o som, suas representações e as dinâmicas sociais em torno da música. A frase “ela não escuta” no título das roupas foi

apropriada de filmes norte-americanos que reproduzem estereótipos femininos, a fim de discutir a comunicação e as crises da escuta, que atingem sobretudo as mulheres.

LAURA LIMA

Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil, 1971
(vive em Rio de Janeiro, Brasil)

GUTO CARVALHONETO

Paulo Afonso, Bahia, Brasil, 1977
(vive em Rio de Janeiro, Brasil)

8. *Sem título*, 2020

Tecido de algodão e elastano, malha
canelada, tecido sintético e metal,
MASP.11167

9. *Sem título*, 2020

Tecido de algodão e elastano, malha canelada, metal, borracha, palha e couro sintético, MASP.11166

10. *Sem título*, 2020

Espuma de polietileno expandido, tule sintético, tecido de algodão e elastano, metal, MASP.11168

A artista Laura Lima e o estilista Guto Carvalhoneto desenvolveram três roupas multifuncionais que carregam os dispositivos necessários à travessia de uma fronteira. Na altura do peito, há uma lanterna; nas costas, um cantil; espalhados pela roupa, diversos bolsos permitem o armazenamento de suprimentos. As barras da

calça podem ser removidas, de modo a torná-la adequada para o frio ou para o calor. Um chapéu de palha protege o usuário do sol. A mochila pode ser transformada em uma barraca para um adulto e uma criança. O formato orgânico da barraca emula as curvas de nível da paisagem, a fim de se camuflar no deserto, capacidade que é reiterada pelo tom terroso das peças. Podemos associar estas roupas ao design especulativo, no qual a criação de objetos fictícios analisa aspectos da realidade que não estão explícitos. Ao produzirem uma roupa pensada para a travessia de fronteiras, Lima e Carvalhoneto levantam discussões sobre as migrações e suas causas, como as crises climáticas, políticas e econômicas, além das condições de deslocamento das populações que migram em busca de melhores condições de vida.

SONIA GOME

Caetanópolis, Minas Gerais, Brasil, 1948 (vive em São Paulo, Brasil)

GUSTAVO SILVESTRE

Recife, Pernambuco, Brasil, 1977 (vive em São Paulo, Brasil)

11. *Vestido 1*, 2020

Tecidos sintéticos, naturais e forro feito de feltro (TNT) sintético, crochê, metal e plástico, MASP.11169

12. *Vestido 2*, 2020

Tecidos sintéticos e naturais, crochê, metal e plástico, MASP.11170

13. *Vestido 3*, 2020

Tecidos sintéticos e naturais, crochê, metal e plástico, MASP.11171

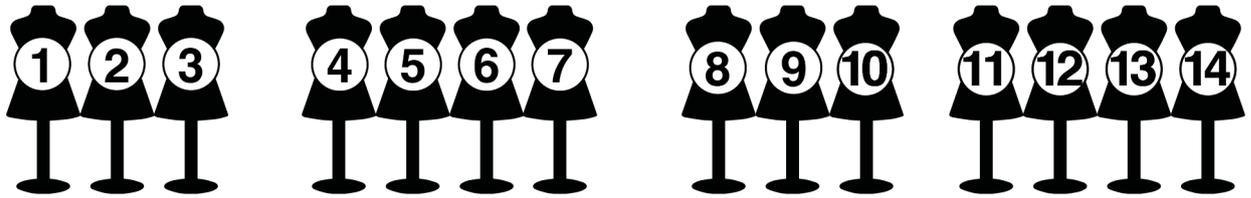
14. *Vestido 4*, 2020

Tecidos sintéticos e naturais e crochê,
MASP.11172

Sonia Gomes e Gustavo Silvestre lidam com tecidos que foram usados previamente por outras pessoas para a criação de suas esculturas e roupas, respectivamente, interessando-se pela preservação da memória e pelas marcas do tempo nesses materiais. Os quatro vestidos que a artista e o estilista produziram ao longo de 2020 foram confeccionados durante o período de isolamento social devido à pandemia

de Covid-19. A dupla trabalhava à distância, enviando partes das roupas um para o outro para que fossem complementadas e construídas de maneira orgânica. Além de manter a segurança sanitária, essa metodologia enfatizou o processo. As peças têm trechos de crochê, algodão, pelúcia e renda, partes nas quais os tecidos foram preenchidos com manta acrílica para produzir formas tridimensionais; até mesmo o pedaço de um casaco de entregador do iFood foi aplicado em uma das mangas do Vestido 4. Os looks preservam a assimetria e os volumes orgânicos das obras de Gomes, assim como as modelagens amplas das criações de Silvestre, borrando os limites entre escultura e roupa.

Plataforma 2, Seção B



AYRSON HERÁCLITO

Macaúbas, Bahia, Brasil, 1968 (vive em Salvador, Brasil)

ANDRÉ NAMITALA

Rio de Janeiro, Brasil, 1992 (vive em Rio de Janeiro)

1. *Barrueco*, 2020

Pérolas barrocas, miçangas, pedrarias, tecido sintético, palha, botões de madrepérola, gorgurão composto de fio de seda, palha

alvejada, linhão composto com fios naturais e sintéticos e sarja de algodão com tingimento à base de dendê, MASP.11182

2. *Efun Wáji*, 2020

Linhão composto com fios naturais e sintéticos, botões encapados, palha sintética, plástico, vidro e cabaça, MASP.11183

3. *Alaká Osùn*, 2020

Linho, palha de seda, organza de seda e plástico, MASP.11181

O artista Ayrson Heráclito e o estilista André Namitala se basearam nas cores dos rituais de iniciação do candomblé para produzir *Efun Wáji* e *Alaká Osùn*, que abordam o azul e o vermelho, respectivamente, além do branco. O primeiro

é um fraque de linho, com franjas de seda que atualizam esta vestimenta, geralmente produzida em tecidos pesados e escuros, para o clima tropical. O segundo tem como base os panos da costa, um elemento feito de tecidos amarrados, originado no Brasil do século 19 e usado na época para distinguir a posição social das mulheres negras. *Barrueco* mistura elementos das religiões de matriz africana com um casaco estruturado, bordado com pérolas barrocas, cujos formatos são irregulares. A alusão ao barroco diz respeito a um período histórico de formação e organização de nossa sociedade. Ao usar palavras em iorubá e espanhol nos títulos das roupas, misturando elementos da tradição europeia com a cultura afro-brasileira, Heráclito e Namitala propõem uma reflexão sobre as diversas matrizes da construção social do país, materializadas em sutis e complexos elementos de vestuário.

LAURA VINCI

São Paulo, Brasil, 1962 (vive em São Paulo)

GLORIA COELHO

Pedra Azul, Minas Gerais, Brasil, 1951 (vive em São Paulo)

4. Vestido com capuz e máscara, 2020

Tecido em malha de elastano com poliamida, zíper de plástico, vidro, ouro, prata e malha tricô sintética, MASP.11176

5. Capa dupla face com máscara, 2020

Malha em algodão e elastano, com forro em tecido lamê acetato, malha algodão, zíper sintético e malha tricô sintética, MASP.11175

6. *Macacão de alfaiataria com máscara,* 2020

Acetato, poliéster, seda, zíper de metal,
botão de pressão e malha tricô sintética,
MASP.11174

7. *Vestido de festa com aplicações,* 2020

Tecido duplo em tule de poliamida com
aplicações de retângulos em lamê, organza
sintética e malha tricô sintética, MASP.11173

A artista Laura Vinci e a estilista Gloria Coelho trabalharam juntas ao longo de 2020, criando quatro looks que buscam refletir sobre os impactos da pandemia de Covid-19 no vestuário e nos deslocamentos pelo mundo. As peças guardam o aspecto “minimalista” da produção de ambas, mas incorporam elementos como máscaras e mapas, signos do momento histórico de sua produção.

Produzidas com cortes retos e ajustados, estas roupas têm máscaras que, unidas aos capuzes, podem ser abertas por zíperes nas laterais. Entre detalhes em tule, cetim e tafetá, predominam tecidos sintéticos produzidos por tecnologias de ponta, uma característica das coleções de Coelho. Fundidos em prata e ouro, os contornos dos cinco continentes aparecem sobrepostos em um brinco e são vistos no interior de três esferas de vidro soprado, que formam anéis de diferentes tamanhos. Neste conjunto de jóias, os contornos dos continentes não são fixos: podem se justapor e assumir diferentes conformações, sugerindo possíveis reconfigurações dos territórios e de suas relações.

ERIKA VERZUTTI

São Paulo, Brasil, 1971 (vive em Bruxelas, Bélgica)

ISABELA FRUGIUELE

São Paulo, Brasil, 1982 (vive em São Paulo)

8. *Gravid*, 2020

Malha em elastano, MASP.11186

9. *Saiu no jornal do Carnaval*, 2021

Tecido sintético, poliestireno e papel machê,
MASP.11184

10. *Mulher fruta*, 2020

Tecido crepe em viscose, elastano sintético,
forro entretelado com barbatana, MASP.11185

A artista Erika Verzutti cria esculturas que associam frutas e vegetais aos volumes do corpo. A estilista Isabela Frugiuele produz roupas de praia cujas estampas modificam a percepção da silhueta. Os biquínis e maiôs produzidos pela dupla misturam aspectos da pesquisa de ambas. *Gravid* [Grávida] é um maiô que reproduz um desenho de Verzutti que se assemelha a um exame de ultrassom. *Mulher fruta* é um biquíni com uma saída de praia baseada na padronagem encontrada em cascas de melancia. *Saiu no jornal do Carnaval* tem uma estrutura de papel machê que remete às costeiras usadas nos desfiles de escolas de samba. O biquíni tem a cintura alta, e as mangas são longas, algo pouco usual. A estampa é feita a partir de uma pintura de Verzutti que reproduz as manchetes e a mancha gráfica dos jornais. Em alguns trechos, podemos ler palavras como

“vacina” e “Brasil”; em outros, vemos apenas a estrutura da diagramação, sem o conteúdo textual. O isolamento social devido à pandemia de Covid-19 foi decretado logo após o Carnaval de 2020, ano de produção desta peça.

DETANICO LAIN

Fundado em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil, 1996 (vivem em Paris, França)

WALTER RODRIGUES

Herculândia, São Paulo, Brasil, 1959 (vive em Caxias do Sul, Rio do Grande do Sul, Brasil)

11. *Roupa*, 2020

Lãzinha sintética, botão de plástico e acrílico,
MASP.11180

12. *Corpo e roupa*, 2020

Lãzinha de tela acrílica e acrílico, MASP.11178

13. *Corpo*, 2020

Lã camurça, tricoline de algodão, entretela cavalinha e plástico, MASP.11177

14. *Obra*, 2020

Linhão de composição sintética e natural, forro em tricoline de algodão, zíper de plástico e acrílico, MASP.11179

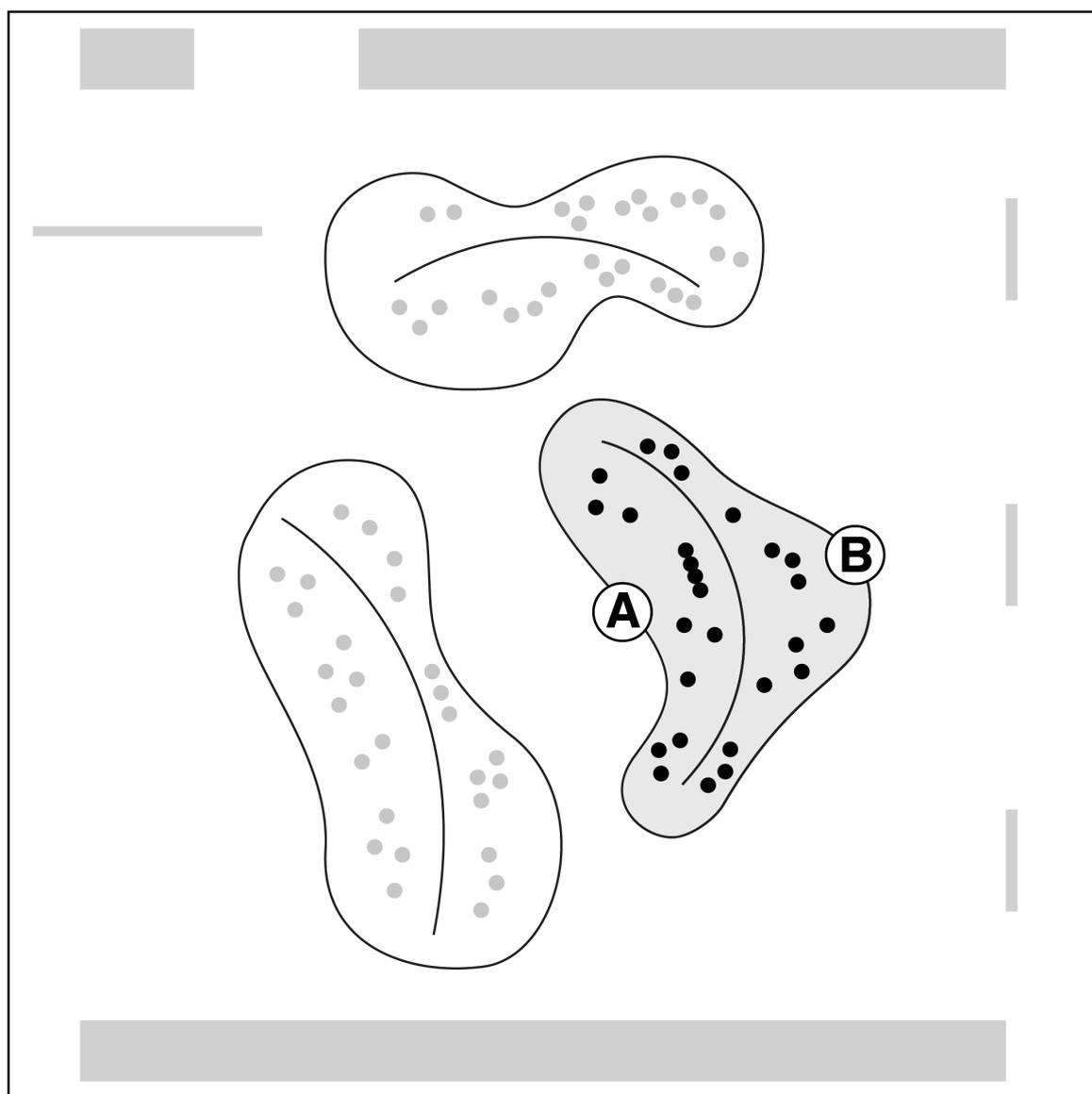
Uma operação central na produção da dupla Detanico Lain é a tradução de códigos de diferentes campos para materiais e formas associados aos temas abordados, de maneira a explorar os limites e as relações entre as linguagens verbal e visual. Em parceria com o estilista Walter Rodrigues, eles produziram quatro

peças que partem dos termos “roupa”, “corpo” e “obra”. Cada letra dessas palavras foi reduzida a um sistema de formas geométricas (círculos, semicírculos, retângulos e triângulos), a partir do qual foi estabelecida a modelagem. Assim, essas roupas são traduções tridimensionais de seus títulos, em uma metarreflexão sobre o próprio objeto “roupa”. Além das relações entre linguagem e visualidade, essas peças discutem a dimensão matemática implícita na confecção de qualquer vestimenta — pois a produção de moldes e o processo de costura requerem o cálculo de áreas, sobras e margens. Se o procedimento conceitual é cirúrgico, o resultado exhibe múltiplas possibilidades de caimento e movimento, devido aos drapeados dramáticos que surgem das dobras geradas por essa geometria quando aplicada à materialidade dos tecidos e usada no corpo.

Plataforma 3

3ª TEMPORADA (2021-2022)

Curada por **Hanayrá Negreiros**, curadora adjunta de moda, 2021-2022, **Adriano Pedrosa**, diretor artístico, com assistência de **Leandro Muniz**, assistente curatorial, 2021-2024



Plataforma 3, Seção A



LIDIA LISBÔA

Guaira, Paraná, Brasil, 1970 (vive em São Paulo)

FERNANDA YAMAMOTO

São Paulo, Brasil, 1979 (vive em São Paulo)

1. *A noiva*, 2022

Gaze em organza de seda, tule de poliéster,
algodão natural, miçangas sintéticas,
barbatanas plásticas e metálicas, meiascalças
de poliamida, elastano e parafina, MASP.11391

2. *A rainha*, 2022

Tule de poliéster, gaze em organza de seda, lã natural em pluma e algodão natural

3. *A fada*, 2022

Organza de seda, penugem de lã natural compactada, adornos sintéticos, barbatanas em plástico e tecido sintético, MASP.11389

Um dos pontos de contato entre a artista Lidia Lisbôa e a estilista Fernanda Yamamoto é a produção de formas orgânicas marcadas por diferentes texturas, resultantes de um intenso trabalho manual com os materiais. Junto a Fernando Jeon e Saau Tomaz — estilistas que trabalham na marca —, produziram três vestidos feitos de materiais em tons de branco. A primeira

camada de *A rainha* é de poliéster, modelada como um quimono, uma peça recorrente nas coleções de Yamamoto, que remete à sua ancestralidade japonesa. Em *A fada* e *A noiva*, crinolinas de barbatanas de plástico envolvidas com tecido formam estruturas orgânicas aparentes que criam volumes em lugares inesperados. As três peças contêm bordados de botões e miçangas de pérolas, em alusão à série de esculturas *Cordões umbilicais*, na qual Lisbôa utiliza esses materiais. De maneira delicada e sutil, questões sobre a identidade e o corpo femininos, processos de trabalho que enfatizam a organicidade da criação, mais do que os projetos prévios, bem como o tensionamento dos limites e relações entre roupa e escultura permeiam a concepção destas roupas.

RANDOLPHO LAMONIER

Contagem, Minas Gerais, Brasil, 1988 (vive em São Paulo, Brasil)

VICENTA PERROTTA

São Paulo, Brasil, 1979 (vive em São Paulo)

4. *Transformer*, 2022

Tecidos de algodão e sintéticos, sarja flanelada, tricoline e tweed, botões de plástico e de pressão de metal, zíperes de metal e sintético, MASP.11409 7

5. *Encruza*, 2022

Pedaços de calça jeans (em sarja), meias de lã bouclé, botões e zíperes sintéticos, tapete de microfibra, luvas de borracha e de

malha sintética com pinos de silicone (luva removedora de pelos de gato), crepe e couro (liso e metalizado) sintéticos, zíper e colchetes de metal, MASP.11407

6. *Casa transcomunal*, 2022

Tecido em jeans, luvas de lã, boné em tecido de sarja e tactel, botões de metal, botões sintéticos, camisetas em malha e algodão, tecido de poliéster, pedaços de tecido em lã, zíper de metal, cadarço sintético, elásticos sintéticos, botão de plástico, metal, argolas em plástico, ganchos de plástico, pedaços de camisa de algodão, tela em poliamida, luva de borracha siliconada, MASP.11408

O artista Randolpho Lamonier e a estilista Vicenta Perrotta partem de materiais encontrados ou já usados por outras pessoas, sobretudo têxteis, para construir banners e roupas. As três roupas que produziram para o acervo do MASP questionam a normatividade do vestuário e de seus códigos sociais: *7 Encruza* tem oito braços ao longo do *look*; em *Transformer*, camisas e casacos, ou apenas as mangas dessas peças, foram costurados juntos, tanto na parte superior quanto na inferior, de modo a ser vestida por muitas pessoas, como uma roupa coletiva que subverte a modelagem tradicional. A saia de *Casa transcomunal* é uma barraca sobre a qual foram aplicadas camisetas de movimentos sociais. Recebidas pela dupla em trocas ou doações, essas peças foram costuradas com pontos aparentes e largos, deixando evidente o processo de confecção. O uso de uma

barraca para a produção da peça também evoca importantes discussões sobre a crise habitacional, que atinge sobretudo os grupos historicamente oprimidos. Em um nível mais poético, a roupa funciona como uma espécie de abrigo.

VALDIRLEI DIAS NUNES

Bom Sucesso, Paraná, Brasil, 1969 (vive em São Paulo, Brasil)

VITORINO CAMPOS

Feira de Santana, Bahia, Brasil, 1987 (vive entre Fortaleza e São Paulo, Brasil)

7. Sem título, 2022

Tecido em algodão e botões sintéticos,
MASP.11392

O artista Valdirlei Dias Nunes e o estilista Vitorino Campos trabalham com linguagens “minimalistas”, com paletas de cores reduzidas (em geral, preto e branco) e poucos elementos, resumindo-se às estruturas básicas dos objetos com os quais estão lidando. Para o acervo do MASP, eles produziram uma camisa branca sem título, de tamanho 42, cuja única diferença em relação aos exemplares que encontramos nas lojas comerciais é a etiqueta, que apresenta as iniciais da dupla. Surgida no século 19, no bojo dos processos de modernização das sociedades ocidentais, a camisa branca pode ser lida como um elemento de elegância, discrição e assepsia. Ligada ao mundo do trabalho, surgiu como um item do guarda-roupa masculino que, ao longo do século 20, foi incorporado ao feminino, bem como passou a ser usado em outros contextos e situações.

Trata-se de uma peça silenciosa, que, no entanto, guarda sua historicidade social, que é refletida na própria história da moda.

ALINE BISPO

São Paulo, Brasil, 1989 (vive em São Paulo)

FLAVIA ARANHA

Campinas, São Paulo, Brasil, 1984 (vive em São Paulo)

8. *Cio da Terra, 1*, 2022

Cetim em organza de seda, tinta de pau-brasil, urucum, crajiru e catuaba, sementes de açaí e jarina, fibra de malva e botões de cerâmica, MASP.11393

9. *Cio da Terra, 2*, 2022

Cetim em organza de seda, forro em tela de seda, sementes de açaí e jarina, tinta natural, fibra de malva e couro, MASP.11394

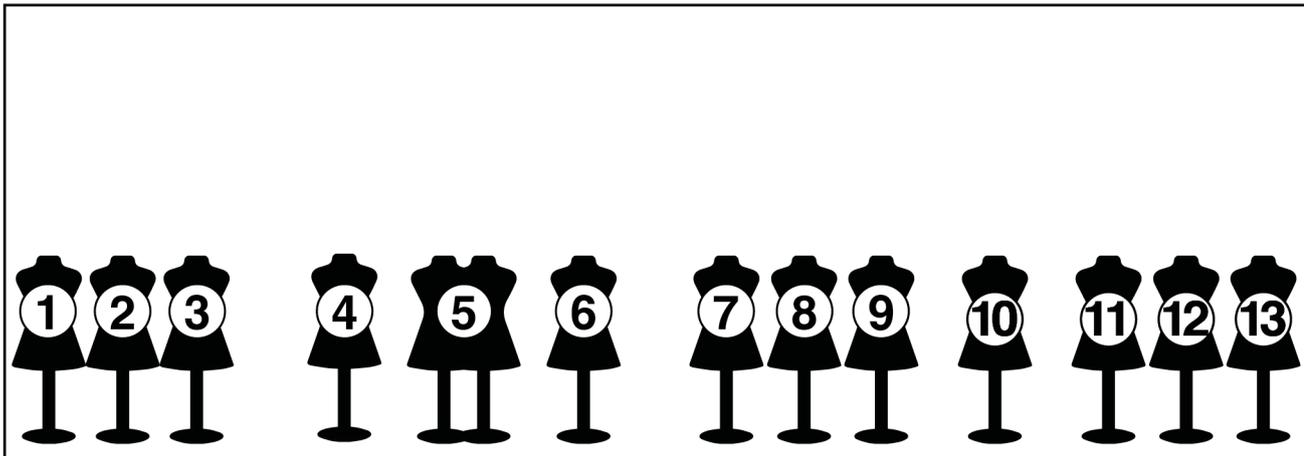
10. *Cio da Terra, 3*, 2022

Cetim em organza de seda com botões de cerâmica artesanal, fibra de malva e sementes de açaí e jarina e couro, MASP.11395

A artista Aline Bispo e a estilista Flavia Aranha se interessam por plantas medicinais e simbólicas cujas formas de uso são transmitidas oralmente na cultura brasileira. Bispo trabalha com ilustração digital e pintura a óleo, enquanto Aranha utiliza materiais orgânicos e pigmentação natural no

desenvolvimento de suas roupas. Para as roupas *Cio da Terra 1, 2 e 3*, Bispo pintou organzas de seda que depois foram modeladas com a técnica de *mouflage*. Os pigmentos usados, feitos de pau-brasil, urucum, crajiru e catuaba, produzem colorações rosadas e avermelhadas. No Brasil, essas plantas têm sentidos simbólicos, medicinais e históricos. Os motivos pintados também se baseiam em plantas curativas, simbólicas ou ornamentais, como o abacaxi-de-jardim, a costela-de-adão e a espada-de-são-jorge. A fibra de malva, uma flor também usada para fins medicinais, forma elementos como a franja do vestido, o top do *look 2* e os brincos do *3*. Sementes de jarina aparecem em detalhes das alças, do top e dos brincos. Conhecida como “marfim vegetal” e explorada em práticas de desenvolvimento sustentável na Amazônia, essa semente é usada especialmente na produção de biojoias.

Plataforma 3, Seção B



LARISSA DE SOUZA

São Paulo, Brasil, 1995 (vive em São Paulo)

DIEGO GAMA

Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil, 1994 (vive em São Paulo, Brasil)

1. *Uniforme de domingo*, 2022

Corda de varal, resina, plástico, tinta acrílica,
fibra sintética e metal, MASP.11415

2. Vestido benção, 2023

Tecido de algodão, fibra de vidro, folhas de ouro, níquel, plástico, fibra sintética e metal, MASP.11483

3. Moletom cajueiro, 2022

Silicone, tecido sintético e resina, MASP.11413

A artista Larissa de Souza e o estilista Diego Gama trabalham a partir das histórias de suas famílias: ela produz pinturas sobre o cotidiano de famílias negras e migrantes; ele parte da atuação de seus antepassados como jogadores de basquete. *Uniforme de domingo* foi modelado em teares manuais com cordas de varal. Compõe-se de uma camiseta e um short com listras verticais que fazem referência

a uniformes de times. *Moletom cajueiro* tem um tom alaranjado, recorrente no trabalho de Souza. Outro aspecto de sua produção que foi traduzido para o *look* é a presença de cajus, que, para a artista, simbolizam suas origens nordestinas. A dupla fundiu as castanhas dessa fruta em resina, e esses adornos foram bordados na roupa. A modelagem se baseia nos conjuntos de moletons, mas aqui a peça é feita de silicone, um material frequente nas criações de Gama. Completando as associações que os conectam, eles produziram um chapéu de algodão feltrado com látex que foi modelado no formato de uma panela, remetendo ao Menino Maluquinho, personagem popularizado nos anos 1990, durante a infância da dupla.

PANMELA CASTRO

Rio de Janeiro, Brasil, 1981 (vive entre Rio de Janeiro e São Paulo, Brasil)

WALÉRIO ARAÚJO

Lajedo, Pernambuco, Brasil, 1970 (vive em São Paulo, Brasil)

4. Pretinho básico, 2022

Tecido em tela composto natural e sintético, tule e sarja sintéticos, malha de fios metálicos revestidos em poliamida com elastano, espelhos e botões de plástico, MASP.11412

5. *Vestido siamês*, 2022

Tafetá sintético, MASP.11411

6. *Indumentária marcada*, 2022

Renda, sarja, tule e fita de cetim sintéticos,
plástico
e pedrarias, MASP.11410

Questões de gênero e sexualidade marcam as produções da artista Panmela Castro e do estilista Walério Araújo. *Vestido siamês* exhibe aspectos conceituais do trabalho de Castro, como o interesse pelas noções de sororidade e dororidade — relativas respectivamente à mulheres que compartilham os mesmos ideais e às lutas das mulheres negras contra as intersecções entre o machismo e o racismo —,

mas a modelagem dramática, as aplicações de babados e o uso do tafetá roxo são típicos da produção de Araújo. *Pretinho básico* ironiza a suposta neutralidade das vestimentas nessa cor para questionar as performances de gênero implícitas na história das roupas. Por fim, *Indumentária marcada* é um vestido de noiva que recobre a identidade de quem o veste. A barra foi pintada de vermelho, e a palavra “porque” foi bordada sobre uma estrutura de arame posicionada na região do busto. Esse termo é usado para respostas, mas, no *look*, é acompanhado de um sinal de interrogação, como uma licença poética que produz paradoxos entre afirmações e perguntas sobre as tragédias do feminicídio.

NO MARTINS

São Paulo, Brasil, 1987 (vive em São Paulo)

ANGELA BRITO

Santa Catarina de Santiago, Santiago, Cabo Verde, 1974 (vive em Rio de Janeiro, Brasil)

7. *Bispo*, 2022

Sarja de algodão, veludo de seda, tule de poliamida, metal, plástico e zíper de metal,
MASP.11396

8. *Rainha*, 2022

Sarja de algodão, veludo de seda, tule de poliamida, metal, plástico e zíper de metal,
MASP.11397

9. *Torre*, 2022

Sarja de algodão, veludo de seda, tule de poliamida, metal, plástico e zíper de metal, MASP.11398

O artista No Martins e a estilista Angela Brito partem de suas vivências pessoais para discutir temas como história, divisão de poder e sistemas raciais. Eles confeccionaram três roupas que se complementam por suas formas e cores, alternando preto e branco, formas côncavas e convexas. Com base em elementos do jogo de xadrez, como a síntese geometrizada das figuras, os *looks* também apresentam uma série de referências africanas, desde as divindades egípcias até os adereços dos povos Acã, de Gana, além da música e de outros adornos da cultura contemporânea. Isso se reflete,

em especial, no uso de aplicações douradas, bordadas na parte superior e nos chapéus dos *looks*. Para a dupla, a referência ao xadrez implica tanto elementos gráficos, as cores e as formas que são traduzidas para as roupas, quanto metáforas de hierarquias sociais, disputas de poder e estratégias de ocupação do território. Assim, estas roupas contrastam a busca de Brito e Martins pela preservação de suas memórias e origens com uma fina camada de crítica social e política.

EDGARD DE SOUZA

São Paulo, Brasil, 1962 (vive em São Paulo)

JUM NAKAO

São Paulo, Brasil, 1966 (vive em São Paulo)

10. *Imanente*, 2022

Camurça sintética, alumínio, barbante de algodão natural e resina, MASP.11406

Em *Imanente*, o artista Edgard de Souza e o estilista Jum Nakao se apropriaram de um dos manequins do acervo do MASP e sobre ele costuraram centenas de metros de barbante, reproduzindo tridimensionalmente um dos bordados do artista. Ao se apropriar de um objeto já pertencente ao acervo do museu, a dupla discute de maneira crítica a presença da moda nessa coleção, visto que os manequins já foram usados em outros projetos, com suas demandas e adequações. Outra discussão aborda os limites entre roupa e escultura, pois *Imanente* é costurado diretamente sobre o manequim com uma técnica de sutura que

esconde os pontos dentro do tecido, que se torna indissociável do boneco. Em sua produção, o estilista pensa os limites conceituais da roupa, seus usos, códigos e formas de construção — aspectos levados até as últimas consequências em *Imanente*, considerando que o corpo para o qual essa roupa foi produzida é o próprio manequim, um objeto geralmente usado apenas como elemento intermediário no fluxo de produção e circulação das vestimentas.

CRIOLA

Belo Horizonte, Brasil, 1990 (vive em Belo Horizonte)

LUIZ CLÁUDIO SILVA

Belo Horizonte, Brasil, 1974 (vive em São Paulo, Brasil)

11. **ORI**, 2022

Tecido em sarja recortado e trançado
com cabelo *kanekalon*, miçanga e imãs,
MASP.11399

12. **ORI**, 2022

Poliamida, miçangas e ímãs, MASP.11400

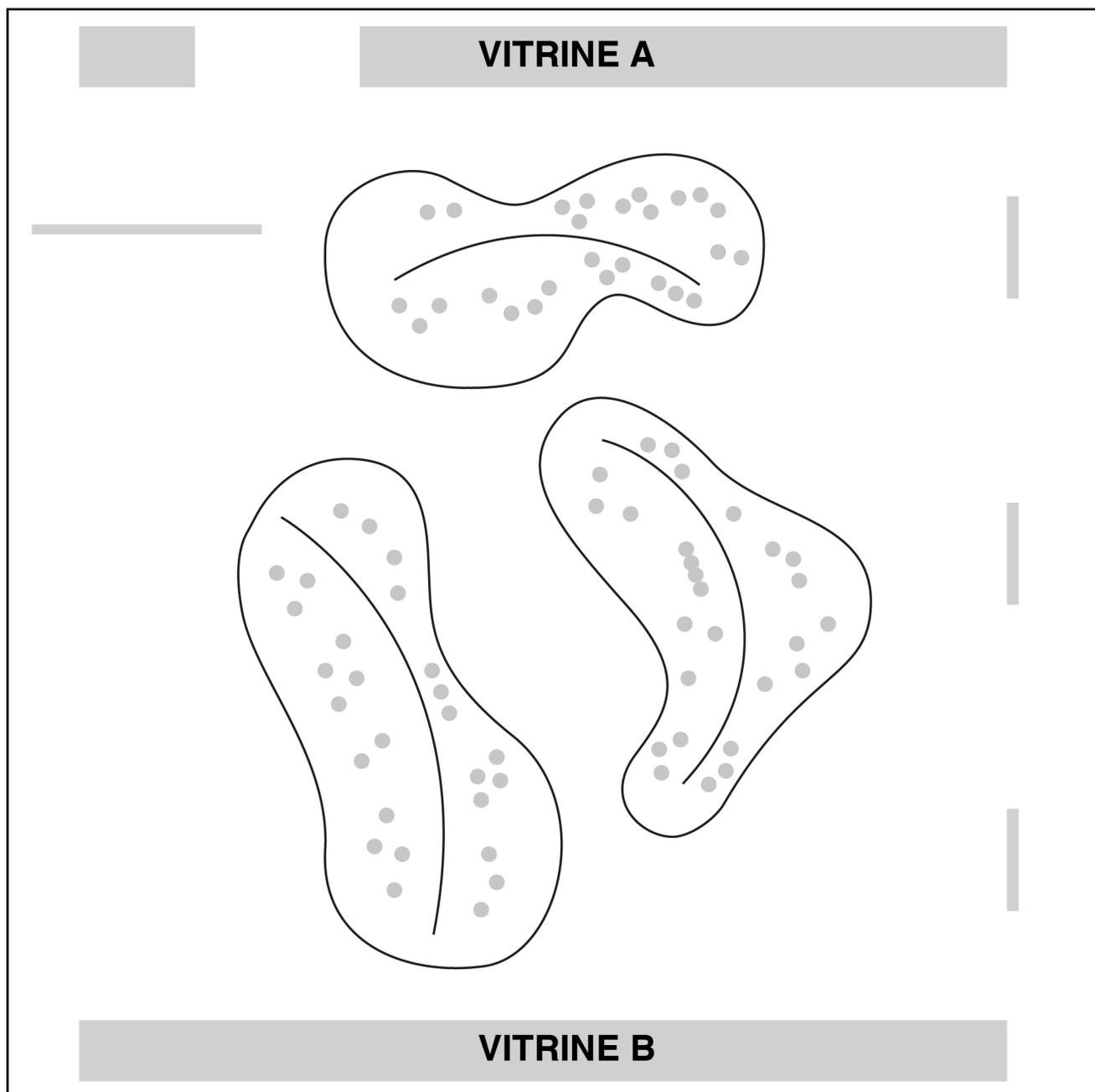
13. **ORI**, 2022

Tecido em sarja recortado e trançado
com cabelo *kanekalon*, miçanga e imãs,
MASP.11401

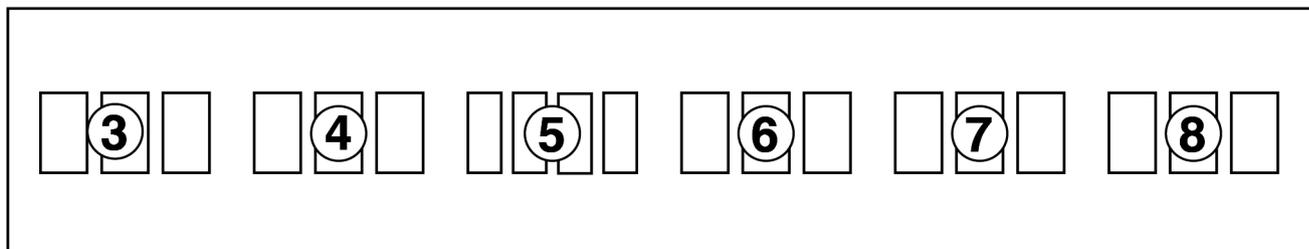
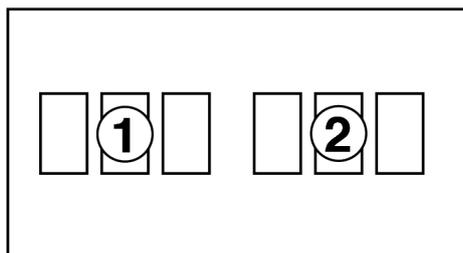
Enquanto Criola produz pinturas murais que representam figuras negras, em especial mulheres, Luiz Cláudio Silva tensiona a construção meticulosa de roupas de alfaiataria com cores e padrões vibrantes, contrastando materiais nobres com outros inusitados. Juntos, eles produziram três *looks* feitos predominantemente de *kanekalon* (cabelo sintético) e miçangas. O uso desses materiais está associado aos cuidados com os cabelos nas comunidades negras, como a aplicação de tranças, alongamentos e adornos. As peças se conectam pelas franjas em suas laterais para formar uma tríade. Os dois vestidos das laterais têm diferentes estampas baseadas em murais de Criola. Essas imagens foram impressas em cetim estruturado e tramadas com fios de *kanekalon*, uma técnica semelhante à da cestaria. A roupa central é feita de miçangas tramadas. Essa peça

traduz para o espaço tridimensional os padrões losangulares presentes em diversos trabalhos da artista, bem como sua paleta de cores, com rosas, verdes, azuis e pretos. O título *ORI* vem das mitologias iorubás e significa “cabeça”. Neste contexto, é a parte mais importante do corpo, uma representação das singularidades físicas e espirituais de cada um.

Vitrines



Vitrine A



FERNANDA YAMAMOTO

São Paulo, Brasil, 1979 (vive em São Paulo)

FERNANDO JEON

São Paulo, Brasil, 1990 (vive em São Paulo)

SAAU TOMAZ

Agrestina, Pernambuco, Brasil, 1992 (vive em São Paulo, Brasil)

1. Croqui para ***A rainha***, 2022

1. Croqui para ***A fada***, 2022

1. Croqui para ***A noiva***, 2022

Museu de Arte de São Paulo
Assis Chateaubriand

GILDA MIDANI

Rio de Janeiro, Brasil, 1960 (vive entre Petrópolis,
Rio de Janeiro; Paris, França; e Porto, Portugal)

2. Croqui para ***Sem título***, 2023

Museu de Arte de São Paulo
Assis Chateaubriand

RONALDO FRAGA

Belo Horizonte, Brasil, 1967 (vive em Belo Horizonte)

3. Croqui para *Sem título*, 2019

Museu de Arte de São Paulo

Assis Chateaubriand

CRIS MENDES

Campinas, São Paulo, Brasil, 1979 (vive em Campinas, São Paulo, Brasil)

MARCELO SOMMER

São Paulo, Brasil 1967 (vive em São Paulo)

4. Croqui para *Roupa de noiva*, 2017

4. Croqui para *Roupa de daminha*, 2017

4. Croqui para ***Roupa de noivo***, 2017

Museu de Arte de São Paulo

Assis Chateaubriand

GLORIA COELHO

Pedra Azul, Minas Gerais, Brasil, 1951 (vive em São Paulo)

5. Croqui para ***Vestido de festa com aplicações***, 2020

5. Croqui para ***Macacão de alfaiataria com máscara***, 2020

5. Croqui para ***Capa dupla face com máscara***, 2020

5. Croqui para ***Vestido com capuz e máscara***, 2020

Museu de Arte de São Paulo

Assis Chateaubriand

LUIZ CLÁUDIO SILVA

Belo Horizonte, Brasil, 1974 (vive em São Paulo, Brasil)

6. Croqui para ***ORI***, 2022

Museu de Arte de São Paulo

Assis Chateaubriand

ISABELA FRUGIUELE

São Paulo, Brasil, 1982 (vive em São Paulo)

7. Croqui para *Saiu no jornal do Carnaval*, 2021

7. Croqui para *Mulher fruta*, 2020

7. Croqui para *Gravid*, 2020

Museu de Arte de São Paulo

Assis Chateaubriand

ANDRÉ NAMITALA

Rio de Janeiro, Brasil, 1992 (vive em Rio de Janeiro)

8. Croqui para *Alaká Osùn*, 2023

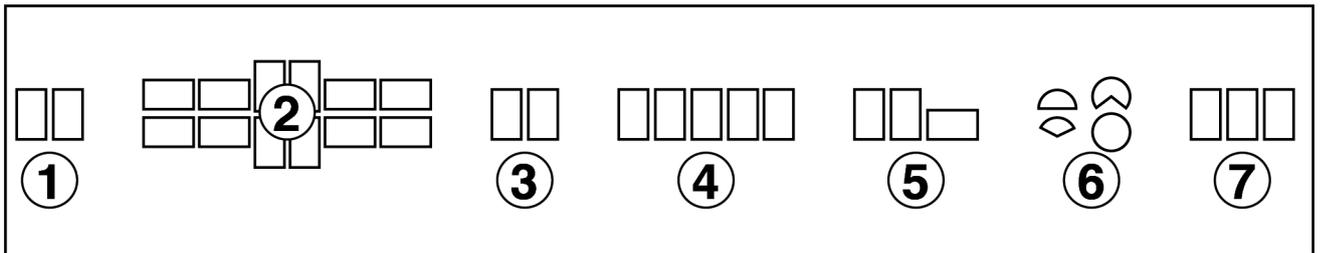
8. Croqui para *Barrueco*, 2023

8. Croqui para *Efun Wáji*, 2023

Museu de Arte de São Paulo

Assis Chateaubriand

Vitrine B



IRAN DO ESPÍRITO SANTO

Mococa, São Paulo, Brasil, 1963 (vive em São Paulo)

1. Croqui para *Trabalho livre*, 2023

1. Croqui para *Radiografia 2 (Preta)*, 2023

Coleção do artista

WALTER RODRIGUES

Herculândia, São Paulo, Brasil, 1959 (vive em
Caxias do Sul, Rio do Grande do Sul, Brasil)

2. Croqui para **Obra**, 2020

2. Croqui para **Corpo e roupa**, 2020

2. Croqui para **Corpo**, 2020

2. Croqui para **Roupa**, 2020

Museu de Arte de São Paulo
Assis Chateaubriand

DETANICO LAIN

Fundado em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul,
Brasil, 1996 (vivem em Paris, França)

2. Estudo para ***Obra***, 2020

2. Estudo para ***Corpo e roupa***, 2020

2. Estudo para ***Corpo***, 2020

2. Estudo para ***Roupa***, 2020

Museu de Arte de São Paulo
Assis Chateaubriand

REINALDO LOURENÇO

Presidente Prudente, São Paulo, Brasil, 1960
(vive em São Paulo, Brasil)

3. Croqui para ***Top com franja e saia
lapela***, 2017

3. Croqui para *Vestido longo*, 2017

Museu de Arte de São Paulo

Assis Chateaubriand

RANDOLPHO LAMONIER

Contagem, Minas Gerais, 1988 (vive em São Paulo)

VICENTA PERROTTA

São Paulo, Brasil, 1979 (vive em São Paulo)

4. *Caderno de processo MASP Renner*, 2021-22

Museu de Arte de São Paulo

Assis Chateaubriand

WALÉRIO ARAÚJO

Lajedo, Pernambuco, Brasil, 1970 (vive em São Paulo, Brasil)

5. Croqui para *Indumentária marcada*, 2022

5. Croqui para *Pretinho básico*, 2022

5. Croqui para *Vestido siamês*, 2022

Museu de Arte de São Paulo

Assis Chateaubriand

SANDRA CINTO

Santo André, São Paulo, Brasil 1968 (vive em São Paulo, Brasil)

6. *Sem título (Leque 2)*, 2017

Acrílico sobre papel japonês

6. *Sem título (Leque 1)*, 2017

Acrílico sobre papel japonês

6. *Sem título (Cone)*, 2017

Acrílico sobre papel japonês

6. *Sem título (Redondo)*, 2017

Acrílico sobre papel japonês, 2018

Museu de Arte de São Paulo

Assis Chateaubriand

LAURA LIMA

Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil, 1971
(vive em Rio de Janeiro, Brasil)

GUTO CARVALHONETO

Paulo Afonso, Bahia, Brasil, 1977 (vive em Rio de Janeiro, Brasil)

7. Dossiê para *Sem título*, 2020

Museu de Arte de São Paulo

Assis Chateaubriand